

ENSAIO SOBRE PSICANÁLISE E SUICÍDIO NA CONTEMPORANEIDADE

ESSAY ON PSYCHOANALYSIS AND SUICIDE IN CONTEMPORARY TIME

¹LOURENÇO, Gabriela Oliveira; ² KOBORI, Eduardo Toshio

^{1e2}Departamento de Psicologia - Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos-
Unifio/FEMM

RESUMO

Este artigo destina-se a compreender, de maneira geral, aspectos do sofrimento psíquico inerentes ao suicídio. Subsidiada pela descrição concisa acerca do fenômeno, sublinha a dimensão inconsciente do ato, a qual se relaciona com questões socioculturais, econômicas e intersubjetivas, as quais levam o sujeito, diante do excesso de dor, desejar a finitude como único meio de alívio para o seu sofrimento. Diante disso, realizou-se uma revisão narrativa de literatura científica como meio de investigação, bem como uma correlação entre suicídio e a perspectiva interpretativa do referencial teórico psicanalítico. Conseqüentemente, o movimento pulsional que emerge sob distintas formas de compulsão tem por finalidade a repetição de situações análogas como meio de elaboração de eventos traumáticos. Tal movimento regressivo tende ao retorno ao estado anterior, ou seja, estado que presume a passagem pela morte. Constata-se que o fenômeno demanda simbolização, onde a palavra conduz ao sentido elaborativo sobre o irrepresentável, permitindo, a partir das interpretações das resistências, ressignificar a forma com que o sujeito se relaciona com a dor.

Palavras-chave: Suicídio; Psicanálise; Sofrimento Psíquico; Psicologia; Prevenção

ABSTRACT

The purpose of this article is to provide a general understanding of the aspects of psychological suffering inherent in suicide. Supported by a concise description of the phenomenon, it highlights the unconscious dimension of the act, which is related to socio-cultural, economic, and intersubjective issues that lead the subject, faced with excessive pain, to desire finitude as the only means of alleviating their suffering. Given this, a narrative review of the scientific literature was carried out as a means of investigation, as well as a correlation between suicide and the interpretive perspective of the psychoanalytic theoretical framework. As a result, the pulsional movement that occurs under various forms of compulsion is aimed at repeating similar situations as a means of elaborating traumatic events. Such regressive movement tends to return to the previous state, that is, a state that presupposes death. It can be seen the phenomenon requires symbolization, where the word leads to an elaborative meaning about the unrepresentable, allowing, based on the interpretations of resistance, to give a new meaning to the subject's relationship with pain.

Keywords: Suicide; Psychoanalysis; Psychic suffering; Psychology; Prevention

INTRODUÇÃO

O sofrimento psíquico cresce a cada ano, altera os hábitos cotidianos, levando ao esvaecimento por apresentar-se incapacitante ao longo dos anos e em alguns casos ao suicídio. O último estudo divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) revela que em 2019 um bilhão de pessoas no mundo padeciam com algum sofrimento psíquico, reduzindo de dez a vinte anos a estimativa de vida, sendo 14% dessa amostra apenas de adolescentes (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022). Conseqüentemente, a dor intolerável advinda do sofrimento psíquico resulta em

aproximadamente oitocentos mil suicídios anualmente, isso desconsiderando os números subnotificados. O dado aponta para uma sucessão de impactos, ao afetar em média de vinte pessoas próximas à que cometeu suicídio, as quais passam também a terem pensamentos recorrentes ou persistentes relacionados à morte, levando à repetição do ato, o que torna o suicídio, além de um problema de saúde pública, uma das principais causas de morte no mundo (CASSORLA, 2017; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022; Cruz, 2019). Nesse entendimento, percebe-se que grande parte das ideações suicidas, como pensamentos recorrentes e persistentes relacionados à morte, autolesões ou desejo de morte, advém de sofrimentos psíquicos, onde as taxas de depressão representam 80% dos casos de comportamentos suicidas. O uso abusivo de substâncias psicoativas e a esquizofrenia também aparecerem como condições para o desencadeamento de tais pensamentos, onde a morte representa a interrupção do sofrimento. Nesse substrato há significativa prevalência em grupos sob vulnerabilidade social, como LGBT, imigrantes, refugiados e povos indígenas, afirmando que a predisposição à depressão não se limita apenas pelo quadro, mas se correlaciona a causas externas para o desencadeamento do suicídio (BRASIL, 2021; LOPES, 2007).

Sob esse viés, o cenário atual revela taxas de suicídio estáveis se comparados aos anos anteriores, contudo, não refletem a verdadeira estatística, pois há significativos descompassos entre a coleta e a liberação dos dados estatísticos nacionais. A assertiva traçada pela OMS pode ser apreendida por duas vias: a primeira pelos indícios preocupantes sobre ideações e comportamentos suicidas generalizados, reflexo sentido no aumento de casos de automutilação entre adolescentes, bem como estado de exaustão física e mental de profissionais de saúde, o isolamento, solidão, baixa qualidade, do sono, da saúde física e psíquica (World Health Organization, 2021). Uma segunda via surge a partir de percepções do estudo sobre o luto e a ausência das ritualizações no contexto da pandemia da Sars-cov-2, abreviação de *Severe Acute Respiratory Syndrome* ou Síndrome Respiratória Aguda Grave, comumente conhecida como COVID-19, onde se constatou uma lacuna de fundamental investigação no contexto contemporâneo e pós pandêmico, no concernente ao suicídio (Lourenço; Koberi, 2023). Ademais, a pandemia da COVID-19 ampliou as desigualdades sociais, acentuando quadros patológicos pré-existentes ou os desencadeando, essencialmente em grupos minoritários, como mulheres,

jovens e pessoas com distúrbios psíquicos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021). Sob este viés justifica-se essa investigação.

Nesse quesito, esta revisão de literatura pauta-se inicialmente na descrição concisa sobre o suicídio sustentado sob o referencial teórico psicanalítico, visando suscitar reflexões quanto ao caráter subjetivo e motivante da ideação suicida. Isso requer uma análise contemporânea sobre o fenômeno, sem perder de vista a base fundadora de sua concepção e, em vias disso, compreender o elemento surpresa contido na situação traumática diante do medo do desconhecido, seguido da angústia do sobressalto da morte, os quais dificultam a representação simbólica do psíquico mediante o evento. Dada percepção viabiliza como a psicanálise pode conduzir, por intermédio da palavra, à recordação, à elaboração psíquica sobre o irrepresentável, sem que o evento de ordem traumática cause dor, promovendo sua ressignificação simbólica (FREUD, 2010b). Em última consideração, a associação de sofrimento psíquico advindo de causas intrapsíquicas, traumas, lutos patológicos, pensamentos recorrentes e/ou atos suicidas, determina um ponto fenomenológico para compreensões, tanto subjetivas, quanto psicossociais do fenômeno.

Portanto, percebe-se que a abordagem do suicídio tem recebido pouca ênfase, dados os estigmas e a impossibilidade de debatê-lo abertamente, sendo a conscientização das comunidades um potencial manejo para a prevenção e posvenção do suicídio (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022). Perante essa premissa, a investigação se destina a instigar o debate acadêmico sobre o suicídio no contexto contemporâneo, considerando o período pandêmico experienciado de forma incomum por esta geração.

MATERIAL E MÉTODOS

O método empregado para o desenvolvimento dessa análise se apoia na revisão narrativa de literatura, definida por Hohendorff (2014) como um método integrativo, organizado e avaliativo sobre literaturas pré-existentes, com a finalidade de elucidar determinado problema proposto, subsidiando uma análise crítica e fundamentada. Nessas circunstâncias, enquanto premissa investigativa em relação a antagonismos, lacunas e possíveis incoerências, direciona para distintas perspectivas científicas. Conceitualmente, este método auxilia na descrição dos principais conceitos que sustentam a compreensão fenomenológica do suicídio na contemporaneidade, aproximando-se ao método psicanalítico empregado nesta

análise, o qual tem por premissa a investigação e interpretação dos fenômenos a partir da verificação ou comprovação de determinada hipótese. Tal como argumentava Freud: “O verdadeiro início da atividade científica está na descrição de fenômenos, que depois são agrupados, ordenados e relacionados entre si [...]” (FREUD, 2010c p. 39). Nesta direção, destinou-se inicialmente a um caráter descritivo do suicídio, seguido da correlação entre os fenômenos apresentados. Conseqüentemente, percorre-se da via narrativa à ruptura da compreensão inicial para a transformação de pensamentos cristalizados, tendo em vista suscitar, no meio acadêmico, possíveis intervenções na sociedade (HERRMANN, 2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão sobre o suicídio reflete a localização geográfica, período e as transformações sociais de sua época. Inicialmente houve aspirações em substituir o que se compreendia como morte voluntária para a nomeação de suicídio. Nesse patamar, sua concepção no ocidente sempre esteve voltada à ideia de loucura ou melancolia, bem como a de um crime contra si e contra Deus sob a visão do cristianismo. Contudo, é a partir do século XIX que sua definição ganha caráter sintomático e interrelacional com o campo social e psicológico (Plon; Roudinesco, 1998). Nesse aspecto, a etimologia da palavra suicídio deixa evidente os pontos nodais entre este e a melancolia. Embora as transformações sócio-históricas tenham alterado a conotação do termo suicídio, ela é reflexo da construção social em torno da palavra. Conseqüentemente, a Melancolia é definida como um intenso sofrimento que promove sentimentos de tristeza, medo e desânimo os quais podem evoluir para estados depressivos graves e até mesmo suscitar em suicídio. Todavia, a definição de melancolia sempre ocupou a posição de loucura desde os tempos da antiguidade (PLON; ROUDINESCO, 1998).

Nessa senda, a psicanálise compreende o suicídio a partir de dimensões inconscientes, e relaciona-o com determinantes biológicos e socioculturais, os quais constituirão o modo de subjetivação do sujeito. Ocasionalmente, a soma de fatores intensifica sensações e sentimentos levando ao sofrimento psíquico intenso, em que o sujeito encontra na própria morte o fim da dor (CASSORLA, 2017). Para além disso, o suicídio perpassa o campo psicótico, ao passo que o indivíduo precisa sair de sua realidade psíquica para atacar a si, apresentando sintomas oriundos dessa natureza, sente-se um rebaixamento na autodefesa do Eu, ambivalência entre seus desejos,

que ora deseja ser salvo, ora deseja morrer. Os atos ocasionalmente emergem por meio de intenções inconscientes, manifestando-se sob outras formas, no entanto, sempre tendendo ao aniquilamento do sujeito (Ferracioli *et al.*, 2019). Destarte, o estado de psicose ou desordens sociais não são os únicos fatores desencadeantes; por ser um fenômeno multicausal, o suicídio pode se relacionar com processos ou eventos diversos, como oriundos da infância, e/ou traumas inconscientes (KOVÁCS, 1992).

Diante disso, a descrição nosológica da melancolia proposta por Freud em *Luto e Melancolia* (2010a), define que o quadro é constituído de sentimentos de desamparo e desesperança, mediante um vazio da perda do objeto de amor. Com a finalidade de apontar os pontos diferenciais, Freud estabelece que a melancolia se avizinha ao luto por causar desânimo, inibição nas atividades cotidianas, diminuição da capacidade de amar, recordações do objeto perdido e tentativas de compreensão do que se perdeu nesse alguém, sentimento que ora movem a culpa, ora movem a vergonha, dor e investimentos que buscam a transformação do Eu. No entanto, a perda da autoestima e empobrecimento do Eu promovem vazio e evidenciam a pré-disposição patológica à melancolia, com tendências a repetições crônicas que emergem continuamente no decorrer do tempo, favorecendo quadros de somatizações e manias, os quais manifestam algo inconsciente (FREUD, 2010a). Lacan (2010) acrescenta que o sujeito não pode investir em traços do objeto ao qual não reconhece, assim, as autoacusações difundidas pelo melancólico estão sob o domínio do simbólico, que representa as características do objeto perdido, levando ao suicídio do objeto pelo remorso deste, que tocou o desejo e desapareceu. Nesse aspecto, o desvio é sempre motivado quando se refere a posição ideal do Eu. Ainda nesse entendimento, sublinha-se, sob a perspectiva do suicídio, que todo suicídio é um ato autodestrutivo, punitivo, composto por aspectos negativos, acusações e ofensas/hostilidades contra si, sobrepondo-se à pulsão de autopreservação (FERRACIOLI *et al.*, 2019).

Em consideração, Freud (2010a) identifica, na relação econômica de investimentos, que o Eu subtrai a energia investida no objeto para si, direcionando sentimentos ambivalentes como amor e ódio, bem como as hostilidades e ofensas para o próprio Eu, cuja conjectura promove sua própria destruição. Desse modo, a partir da investigação dessa relação ambivalente que se aproxima do sadismo no que diz respeito ao suicídio, além da regressão da libido a identificação narcísica com o objeto desejado. Compreende-se um percurso incomum da libido da seguinte forma:

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma *real ofensa ou decepção* vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal — a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo —, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu (FREUD, 2010a, p. 133).

A libido anteriormente investida no objeto amado se desloca a fim de se desligar do objeto; esta transformação busca novas ressignificações. No entanto, se este novo investimento se apresentar pouco resistente, não se ligando a um novo objeto, recai sobre o Eu, promovendo seu empobrecimento. Nesse prisma, a melancolia evidenciaria algo inconsciente ainda não revelado que, ao se constituir de hostilidades destinadas ao retorno do objeto, na realidade direcionadas ao investimento do Eu, tratará a si de forma semelhante ao objeto perdido, mostrando-se soberana ao Eu e tomando o corpo como objeto perdido. Por isso, o suicídio em estados melancólicos exprime a morte do objeto de amor perdido. O percurso descrito manifesta que a perda do objeto e os sentimentos de amor e ódio levam a recriminações obsessivas. Já o dispêndio de investimento chega ao término da perlaboração melancólica como tendência maníaca relacionada à regressão da libido narcísica (FREUD, 2010a).

O pressuposto psicanalítico, enquanto método de cura pela palavra, dispõe de um modo particular de resgate histórico, o qual se entrelaça aos processos intrapsíquicos e à própria constituição dos aspectos subjetivos do sujeito. Invariavelmente encontra-se na indissociabilidade entre investigador e investigação o esclarecimento, tanto da contemporaneidade, quanto das indagações que os afetam. Há de se reconhecer, perante isso, o modo particular com que Freud desenvolveu seu trabalho metapsicológico em *Além do princípio do prazer* (2010b), a partir de suas próprias experiências emocionais sobre a morte e os atendimentos a pacientes neuróticos de guerra, as quais direcionaram a hipótese acerca da dualidade pulsional entre pulsões de vida (Eros) e de morte (Tanatos) (ZIMERMAN, 1999).

Todavia, em seu trabalho anterior, *Os instintos e seus destinos* (2010c), Freud descreve tais conflitos pulsionais, sugestionando a compreensão das idiossincrasias humanas. Desse modo, ao esboçar sobre a natureza da pulsão, pondo à parte o ponto de vista biológico advindo da palavra instinto e substituindo-a por pulsão, o psicanalista identifica tal conceito fundamental em sua teoria, da seguinte maneira: “[...] o “instinto” nos aparece como um conceito-limite entre o somático e o psíquico,

como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo.” (FREUD, 2010/1915, p. 42). Em outras palavras, a pulsão, definida como representante psíquica, exprime a complexidade existente entre o corpo e a mente, entre o somático e o psíquico, dada a intersecção dos fenômenos que perpassam o corpo (exógenos) e alcançam o psíquico (endógenos) que são a base para a compreensão dos desejos inconscientes e as ações, sensações e sentimentos experienciados pelo sujeito.

Apesar deste esclarecimento pontual, é válido, diante dessa investigação, passar pelo entendimento do trauma para aprofundar a dinâmica pulsional. Nesse passo, a hipótese inicial da teoria de Freud apresentava que o conflito psíquico era consequência de repressões advindas do trauma da sedução sexual ocorrida no passado, as quais emergiriam sob outras formas. Nesse sentido, Freud acreditava que a verbalização traria simbolização e conduziria o sujeito a se lembrar do fator traumático. No entanto, a transformação dessa concepção, antes concebida por meio da ab-reação, a catarse do fator traumático, bem como sensações e sentimentos por intermédio da palavra, atualmente inclina-se mais em compreender e interpretar as resistências inconscientes, conduzindo à ressignificação do evento (ZIMERMAN, 1999). O confronto entre o sujeito e suas experiências de dor (excesso) definem o trauma. De acordo com Lapache e Pontalis (1991), traumas são vivências as quais o sujeito não consegue integrar ao aparelho psíquico, promovendo seus acréscimos, seja pelos efeitos patológicos prolongados, como ansiedade, compulsão a repetição, sonhos de conteúdo indesejáveis, entre outros, seja sob o ponto de vista econômico, como circulação de excitações intensas acerca da tolerância do evento e os mecanismos os quais o sujeito dispõe quanto à elaboração psíquica da ruptura. Por conseguinte, “Um evento como o trauma externo vai gerar uma enorme perturbação no gerenciamento de energia do organismo e pôr em movimento todos os meios de defesa” (FREUD, 2010b, p.141). Assim dizendo, a entrada do excesso de estímulos no aparelho psíquico não pode ser barrada, dada a intensidade do evento, movimentando os mecanismos de defesa contra o aniquilamento do sujeito. Nesse quesito, as experiências reprimidas indesejáveis e/ou traumáticas visam ser elaboradas via consciência; são reavivadas, portanto, por meio da compulsão à repetição de situações análogas que, ao tensionar a autodestruição, impelida sob efeitos irrepresentáveis no corpo, causam desprazer e ao mesmo tempo prazer, pois

levam a um alívio momentâneo. Ademais, as experiências reprimidas emergem de forma distorcida ou compulsória promovendo ganhos secundários, com a finalidade de proteger o desejo (FREUD, 1917). Kobori (2022) acrescenta: a repetição visa a conservação da vida, e não necessariamente impulsionar a morte, antes, atendendo ao retorno aos estágios primitivos, inatos aos seres humanos, esclarecendo a repetição sob o domínio do prazer.

Diante disso, o princípio do prazer sugere que os investimentos pulsionais demandam recompensa imediata, desconsiderando o exterior. No entanto o desejo se impõe à realidade, e esta, por consequência, se sobrepõe ao desejo, uma vez que a satisfação não suporta a imposição do princípio da realidade, resultando no surgimento de frustrações e decepção (ZIMERMAN, 1999). Nessa perspectiva, “O princípio de realidade era, até então, concebido como um princípio de regulação psíquica que impunha à procura de satisfação desvios, paradas, substituições e sobretudo renúncias” (GARCIA-ROZA, 2009, p.132). Em outros termos, a instauração de vias mais momentâneas por intermédio do princípio da realidade promoveria um desvio do princípio do prazer com efeito de autopreservação do Eu, a fim de evitar frustrações ou recursos mais regressivos e alucinatórios, próprios dos processos primários destinados à proteção. Os processos primários visam a gratificação instantânea, desconsiderando a realidade externa e induzindo a pensamentos e emoções. Distinguem-se dos processos secundários, os quais visam a adaptação à realidade externa, onde a preservação protege o sujeito do seu aniquilamento (GARCIA-ROZA, 2009).

Limitar-se à construção anterior seria insuficiente para continuar tal compreensão. Sendo assim, concebe-se, entre as forças pulsionais, o ponto de vista dinâmico como sendo a forma com que são direcionadas e controladas as energias psíquicas, enquanto sustentação para as compreensões inerentes ao sujeito. Nesse ponto, a redução da excitação pode ser compreendida tal qual a busca da morte psíquica, em detrimento da hipótese sobre pulsão de morte (LAPACHE; PONTALIS, 1991). A pulsão de morte tende ao retorno do inorgânico, desintegração, ausência de estímulos de movimento e vida, além da finalidade de eliminar tensões. Proveniente do corpo, ela domina os processos anímicos regularmente, impelindo à compulsão à repetição dado o impasse constituído no representante, seja por símbolos ou palavras. Tal tentativa ocorre por meio do deslocamento para o exterior da energia interna

circulante, que apesar de se manifestarem como representantes simbólicos mediante distorções, leva à desestruturação (FREUD, 2010b).

Consta-se que é por intermédio da palavra que o sujeito substitui as pulsões, compulsão à repetição, fantasias e desejos pela recordação. Lembrar promoveria ressignificação do evento e a forma com que o ele se relaciona em seu cotidiano. Não obstante, se as manifestações somáticas irrompem em decorrência da ausência da palavra, como sinal de cura pela falha nos mecanismos de simbolização, o sujeito tende inevitavelmente à repetição ao buscar a ressignificação dos afetos de angústia. Tal designação assevera que processos psíquicos se conectam a um representante simbólico e que, a partir dessa ligação, podem sem empregados sentidos ao que não se consegue representar; a palavra, então, promoveria a possibilidade de elaborar eventos que causam dor. Nesse mesmo sentido, de acordo com o viés psiquiátrico francês, a terminologia “passagem ao ato” expressa a antecipação de um ato que ultrapassa o sujeito, levando-o ao suicídio (FREUD, 2010d; GARCIA-ROZA, 2009; PLON; ROUDINESCO, 1998). Ponderando, a tentativa de findar a própria vida pode decorrer da força do traumático, dada a dificuldade de representação simbólica da dor. A ausência da palavra diante do irrepresentável favoreceria o impulso do ato de tirar a própria vida (MACEDO; WERLANG, 2007). Destarte, a demanda por simbolização requer, inicialmente, espaço para conceber sentido ao inapreensível, o qual não se consegue nomear inicialmente, certificando que a linguagem conduz aos sinais e lembranças de vivências angustiantes por meio do reconhecimento dos conteúdos inconscientes conduzidos pela elaboração. (GARCIA-ROZA, 2009; PLON; ROUDINESCO, 1998).

Em última consideração, a Psicanálise enquanto processo terapêutico, tem por pressuposto conduzir a novos significados, com base na investigação e rememoração dos conteúdos inconscientes, ou seja, vivências traumáticas e dolorosas que estão reprimidas e emergem por meio da associação livre. A repetição transferencial advinda do processo auxilia na compreensão dos padrões e comportamentos do sujeito, partindo, então, da investigação para a interpretação e, ulteriormente, à elaboração, a qual se destina a transformações das repetições, ambicionando alterações nesses padrões, o que permite um equilíbrio entre o desejo e a realidade, do mesmo modo, admite novas formas do sujeito se relacionar com o sofrimento psíquico (FREUD, 2010d).

CONCLUSÃO

A precaução destinada ao desenvolver literaturas relacionadas a essa temática se dá, essencialmente, pela preocupação do desencadeamento de um contágio social que venha a impulsionar o número de casos de suicídio, já significativos. Valendo-se desta alegação, não significa que tal cuidado deve se sobrepôr à elucidação dos fatores e estigmas sociais. Antes, instigar a transformação do próprio sentido simbólico do suicídio constituído na sociedade é possibilitar aberturas quanto à ressignificação das perspectivas e percalços que o atravessam. É, também, almejar dar voz a quem precisa de escuta, traçar caminhos ao desconhecido que se manifesta, tanto sob formas coletivas do fenômeno, quanto compreensões subjetivas aos conflitos inconscientes dos sujeitos. Inobstante, a natureza do ato suicida é humana, pois revela dimensões do fatídico e da finitude humana, onde os sujeitos, imersos em angústia de uma vida sem sentido, solitária, constituída de isolamento profundo, denunciam uma dor psíquica de estado melancólico ou depressivo. Portanto, o ensaio proposto é apenas uma efêmera enunciação da concepção psicanalítica do suicídio e suas possíveis reverberações contemporâneas, localizadas em um período pós pandemia constituído por ausência de representações simbólicas de distintas perdas, além de diversas sensações e sentimentos experienciados de forma incomum, os quais favorecem quadros patológicos, bem como podem desencadear aumento no número de atos ou ideações suicidas. Nesse sentido, o assunto se mostra inesgotável por ser multicausal, relacionando-se com o contexto contemporâneo, características socioculturais e tradições culturais que se apresentam de formas distintas frente aos modos de subjetivação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico**, v. 52, n.33. 2021. 10 p. Disponível em: <https://abeps.org.br/manuais/#/min-saude>. Acesso em 10 jul. 2023.

CASSORLA, R. M. S. **Suicídio: Fatores Inconscientes e Aspectos Socioculturais**: uma introdução. São Paulo: Editora Blucher, 2017.

CRUZ, A. D. G. DA; RESENDE, D. DE S.; REIS, J. B. W. DE O. A dinâmica psíquica do suicídio sob a perspectiva do desnudamento do Eu na melancolia. **Reverso**, v. 41, n. 78, p. 35-44, 2019. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000200004>. Acesso em: 04 mar. 2023.

FERRACIOLI, N. G. M. *et al.* Os bastidores psíquicos do suicídio: uma compreensão psicanalítica. **Vínculo**, São Paulo, v.16, n.1, p. 01-17, jun. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.32467/issn.1982-1492v16n1p17-28>. Acesso em: 28 fev. 2023.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: _____. **Obras completas, volume 12**: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, S. **Obras completas, volume 14**: História de uma neurose infantil ("o homem dos lobos"), além do princípio do prazer. Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, S. Os instintos e seus destinos. In: _____. **Obras completas, volume 12**: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In: _____. **Obras completas, volume 10**: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relato em autobiografia ("o caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911 - 1913). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

HERRMANN, Fabio. Pesquisa psicanalítica. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 56, n. 4, p. 25-28, Dec. 2004. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000400014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2023.

HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P.; HOHENDORFF, J. V. **Manual de Produção Científica**. Porto Alegre: Grupo A, 2014.

HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P.; HOHENDORFF, J. V. **Manual de Produção Científica**. Porto Alegre: Grupo A, 2014.

KOBORI, E.T. **Diálogos entre psicanálise e literatura: um ensaio sobre o amor nos tempos do cólera**. São Paulo: Paco Editorial, 2022.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LACAN, J. **O seminário, livro 8**: a transferência. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LAPACHE, J.; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

LOPES, H. D. **Suicídio**: causas, mitos e prevenções. São Paulo: Hagnos, 2007.

LOURENÇO, G. O.; KOBORI, E. T. A pandemia e o luto sob o olhar psicanalítico: Uma revisão de literatura. **Psicologia Argumento**, v. 41, n. 113, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/30009>. Acesso em: 4 ago. 2023.

MACEDO, M. M. K.; WERLANG, B. S. G. Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 10, n. 1, p. 86–106, jan. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982007000100006>. Acesso em: 19 set.2023.

PLON, M.; ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed.,1998.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **World mental health report: transforming mental health for all**. Geneva, 2022b. 176 p. Disponível em: <https://www.who.int/teams/mental-health-and-substance-use/world-mental-health-report>. Acesso em: 05 jun. 2023.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: ed. Artmed, 1999.